

Amamentação e cor da pele

Marina Ferreira Rea

Diversos são os estudos – especialmente nos EEUU - que mostram que a população negra ou afro-descendente amamenta mais que a branca. No Brasil, os povos afro-descendentes apresentavam no período colonial o hábito do aleitamento natural prolongado. Neste período, as amas-de-leite negras, as “mães pretas”, estavam presentes na vida das famílias brancas, fato esse documentado por diversos autores, como Gilberto Freyre, entre outros. O fim da escravatura e a progressiva miscigenação do negro, na sociedade brasileira, levaram essa raça a mesclar seus costumes, mudando hábitos culturais e, por diversas razões, cuja análise não nos cabe aqui realizar, a situar-se entre os menos favorecidos ou entre os excluídos socialmente.

No caso do hábito de amamentar, cujos estudos passaram a mostrar menor prevalência entre os menos favorecidos, preocupa-nos conhecer o que está acontecendo com a população negra brasileira: mantém-se amamentando mais que a população branca – como nos EEUU? Ou amamenta menos – como a maior parte da população excluída no nosso país?

Em estudo transversal foram estudadas 497 mães de crianças menores de um ano de idade. A partir de listagem prévia, foram sorteados serviços de saúde, que atendem crianças saudáveis na Grande São Paulo, e, nestes serviços, sortearam-se crianças, assim representadas: 60% eram brancas, 7% pretas, 31% pardas e 1% amarelas. Entre as diversas variáveis, podemos, em resumo, caracterizar a população como:

Branca: maior nível de escolaridade e renda; maior acesso ao pré-natal; grande maioria vivendo com companheiro.

Preta: menor renda per capita; pior acesso ao pré-natal; alta proporção sem companheiro, engravidando cedo.

Parda: maior procedência rural; maior paridade; baixo nível de escolaridade.

Ao analisar a situação da prática de amamentar, notamos que é levemente menor a proporção das pretas que iniciam o aleitamento – 94% - comparado a 95,5% entre pardas e 97% entre brancas. No conjunto da amostra, a proporção de pretas que havia introduzido mamadeira é significativamente menor – 17% - comparado às brancas – 27% , e às pardas – 24%.

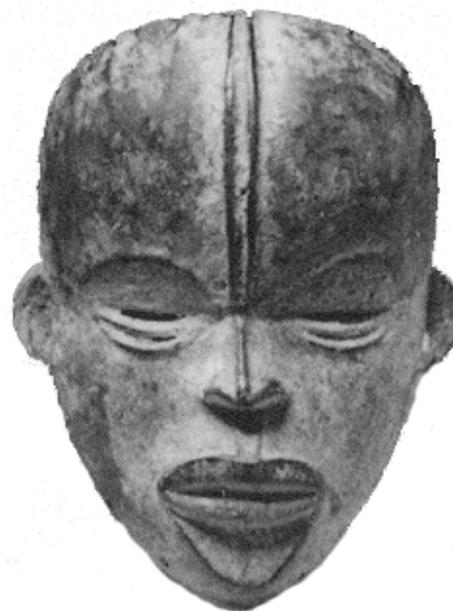
A curva de desmame, comparando brancas e pretas pelo método de tábua de sobrevivência mostra que as pretas amamentam mais nos primeiros 4 meses de vida, invertendo-se então esta curva e passando então as brancas a amamentar mais prolongadamente. As medianas são semelhantes, conforme cor da pele, entre 2 e 3 meses (REA, 1994).

Nossos achados indicam que as mulheres pretas conseguem melhores índices de aleitamento materno no início da vida, quando os fatores biológicos (estabelecimento de sucção apropriada, não turgescência e não existência de rachaduras de mamilos etc) interferem mais. Estes fatores parecem mais superáveis para pretas do que para brancas. A partir de certo período, onde as questões sociais passam a ter maior relevância na prática de alimentar a criança, são as brancas que conseguem maior sucesso na lactação. Isto, evidentemente, relaciona-se à situação socioeconômica de ambos os grupos.

Vários destes achados não foram ainda demonstrados como significantes, merecendo melhor investigação.

Referência Bibliográfica

REA, M.F. Avaliação das práticas diferenciais de amamentação: a questão da etnia. *Revista de Saúde Pública*, [s.l.].v.28, n.5, p.365-72, 1994.



Máscara Kplekple
Costa do Marfim, Baule

Exposição Arte da África
© Ethnologisches Museum, Berlin

* Médica Sanitarista. Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora científica do Núcleo de Investigação em Saúde da Mulher e da Criança
Email: marifrea@isaude.sp.gov.br